

A Música mesmo no meio da Escola

Mário Azevedo

Maestro. Diplomado pelo Stichting Orff-Werkgroep de Delft/ Holanda. Professor de Reportório, de Análise de Fonogramas e Eventos, de História do Jazz e de Músicas do Mundo na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto.

Resumo

Todos reconhecemos na Música um enorme poder de sedução. Todos nós sentimos que na Escola se joga o incómodo desafio de nos projectarmos no futuro. Todos nós reconhecemos à Música o direito de se manifestar pelo interior da Escola e de, com ela, nos ajudar a encontrar os lugares de memória da nossa cultura. Será possível agora, num arco curto de tempo, cartografar complicitades quanto baste e propor a construção de uma reflexão que desperte em todos sonhos e poderes?

Palavras-chave

Escola, Música, Lugares da Memória

“La Musique en plein milieu de l’École”

Mário Azevedo

Chef d’orchestre. Diplômé par le Stichting Orff-Werkgroep de Delft/ Hollande. Professeur de Répertoire, d’Analyse de Phonogrammes et Événements, d’Histoire du Jazz et de Musiques du Monde à l’École Supérieure de Musique et Arts du Spectacle de Porto.

Résumé

Nous tous reconnaissons à la Musique un pouvoir énorme de séduction. Nous tous sentons qu’à l’École a lieu l’incommode défi de nous projeter à l’avenir. Nous tous reconnaissons à la Musique le droit de se manifester à l’intérieur de l’École et de, avec elle, nous aider à trouver les places de mémoire de notre culture. Sera-t-il possible, maintenant, en peu de temps, cartographier assez de complicités et proposer la construction d’une réflexion qui puisse éveiller en tous des rêves et des pouvoirs?

Mots-clé

École, Musique, Places de la Mémoire

Abstract

We all recognize the enormous power of music seduction. We all feel that in the school one is playing the awkward challenge of projecting oneself in the future. We all recognize in music the right to demonstrate school and, with it, help us find the places of memory of our culture. Is it possible now, a short arc of time, mapping complicities enough and propose the construction of a reflection on all that awakens dreams and powers?

Keywords

School, Music, Memory Places

Resumen

Todos reconocemos el enorme poder de seducción de la música. Todos sentimos que en la escuela se está desempeñando un difícil reto de la proyección de uno mismo en el futuro. Todos reconocemos en la música el derecho a manifestarse la escuela y, con ella, nos ayuda a encontrar los lugares de la memoria de nuestra cultura. ¿Es posible ahora, un breve arco de tiempo, cartografiar complicitades suficiente y proponer la construcción de una reflexión sobre todo lo que despierta los sueños y las competencias?

Palabras clave

Escuela, Música, Locales de Memoria

*Ouvir não é um mérito.
Os patos também ouvem.
Stravinsky*

Da Música e das suas propriedades

A Música, pela sua ubiquidade, parece-nos ser um fenómeno natural, intuitivo e característico do comportamento do ser humano.

Tão natural e tão humana que parece ser tarefa impossível determinar o seu início, donde vem ou como se manifestou pela primeira vez.

Na dúvida, começamos por suspeitar que tem o mesmo tempo que o Homem tem. E assim estamos... ainda hoje, tão... etnocêntricos!

A mitologia mais antiga, na sua tentativa de justificar quem somos e de nos colocar no nosso lugar, atribuiu-lhe origem divina e, por razão de força maior, enobreceu a sua transcendência. Essa responsabilidade que lhe foi insuflada, como sabemos, ainda hoje se faz sentir.

Talvez por isso seja importante lembrar aqui que, em muitas culturas, o termo “Música” é poucas vezes imaginado, tal como o fazemos por cá, como uma organização sonora que decorre num espaço limitado de tempo. A Música encontra, neste seu piscar de olhos às diferentes culturas e neste seu jeito flutuante de se deslocar, mil maneiras de fintar o seu próprio destino e de se manifestar solidária com os modos de ser de cada sociedade, de cada lugar e de cada costume.

Assim podemos dizer que a Música é uma espécie de realidade que soa.

Exactamente porque o meio natural, cultural e social em que vivemos é sonoro. Dir-se-ia visceralmente sonoro! Bastará, sem grande esforço, darmos conta dessa imensa sonosfera que nos acompanha em todos os momentos da nossa vida, do nosso trabalho e do nosso ócio.

Resulta desta circunstância uma proximidade tal à sua presença que, a nosso ver, essa mundivência sonora toca de perto a cumplicidade, a intimidade...ou a promiscuidade.

Podemos afirmar então que a dimensão sonora do mundo, nas suas múltiplas formas, se manifesta humanamente do ponto de vista físico, psíquico e mental.

Tudo isto, como facilmente imaginamos, tem repercussões enormes no Homem, como ser cultural e como ser bio-psico-social.

O que ficamos a saber?

Sabemos que o som é um fenómeno físico de natureza vibratória.

Mas o que é que daí resulta?

O que será, então, o som para o ouvido humano?

Para o ouvido humano os sons são imagens auditivas da realidade, sinais de coisas que acontecem, são pontos de contacto com o mundo.

Esta dupla propriedade dos sons - **vibração/sinal**, **natureza própria/pensamento-conceito** - permite-nos usá-los como representações mentais, como objectos de conhecimento, como peças de um *tetris* sonoro desempenhando papéis fundamentais de carácter simbólico.

Por causa da Música, mas sobretudo pelo que fazemos dela, podemos dizer que o som contém em si mesmo, e quanto baste, partículas orgânicas e semânticas com elevado potencial de comunicação.

Ora, o potencial simbólico do som desenvolveu-se de tal forma que deu, pela natureza própria de se manifestar, lugar a uma sofisticada linguagem, a *Música*, e a um fascinante sistema de comunicação.

Música e som vêm-se ao espelho, voltam a olhar-se, e parecem ficar a gostar e a retirar enorme prazer deste jogo, desta brincadeira.

A Música nasce, pois, deste imenso e inesgotável jogo sonoro.

A Música, talvez por causa disso, tornou-se universal.

E, da mesma forma, ela está e esteve presente, desde sempre, nos momentos mais significativos da criação humana.

De que falamos então, quando falamos de Música?

Uma resposta literal: um determinado tipo de vibração sonora assente e enquadrada em pressupostos de ordem culturalmente diversificada.

Música é um fenómeno conceptual que acontece, tem lugar, na nossa mente. Sem mais!

Daí podermos “resolver” e clarificar a distinção entre ruído e Música.

Música resulta de uma série de vibrações sónicas transmitidas ao cérebro através dos ouvidos.

E é no cérebro, lugar onde tudo acontece, que começa todo o processo a partir do qual os sons começam a “fazer sentido”. Aí podemos dar aos sons uma ordem determinada.

Ou podemos, simplesmente, jogar com eles.

Quer sensorial, quer estrutural, quer semânticamente...é só escolher!

Não será por acaso que a expressão “fazer Música” em muitas línguas signifique exactamente isso. *To play music*, *spielen music* ou *jouer de la musique* confirmam com alguma pertinência esta visão.

Então, aos sons ordenados e emoldurados por convívios culturais permanentes, chamamos nós Música.

É frequente afirmar-se que a Música é uma linguagem universal, uma meta-linguagem que expressa universalmente emoções humanas e transcende barreiras culturais e linguísticas.

A audição, a interpretação e a invenção musical, ficamos agora a saber, são pois, claramente, uma representação dessa espécie de jogo triplamente simbólica que consiste em organizar sons como representações majoritivamente significativas.

Fruto da capacidade de combinar e jogar – aí está o *ludis musicalis* - o ser humano propõe-se comunicar, expressar e, não raras vezes, declarar-se artisticamente evidenciando elementos da sua experiência sonora – auditiva, do seu labor, da sua inventividade.

Daí que o resultado dessa comunicação *versus* jogo musical faça acontecer reacções diversificadas a quem a ouve, dado o complexo conjunto de variáveis posto na mesa.

E o que é que sabemos deste jogo?

O que é que sabemos do impacto de uma obra musical em cada um de nós?

Sabemos que cada obra leva a marca do tempo e da personalidade do seu criador.

Sabemos que as atitudes e as experiências estéticas do inventor musical e dos intérpretes e auditores marcam a música que fazem e são, quase sempre, reflexo das suas manipulações sonoras, estéticas e das matrizes culturais a que pertencem.

Na realidade, todas as manifestação musicais nunca estão sós e estão quase sempre em estreita ligação com outras formas de cultura (literatura, dança, poesia, teatro, cinema,video,...).

Assim, é importante partirmos do princípio que a Música não deve ser entendida apenas a partir dos seus elementos estéticos mas apreciada, em primeira instância, a partir da ideia de que é uma forma de comunicação com os seus próprios códigos, com os seus tiques, com a sua maneira de ser.

Talvez seja bom entender a Música como uma manifestação de crenças, de identidades e de difícil tradução quando apresentada fora do seu contexto.

Talvez assim seja possível falar de Música como “som culturalmente organizado” pelo ser humano.

E talvez, desta forma, possamos apreciar melhor o que somos quando nos confrontamos com o que fazemos musicalmente.

Talvez possamos enriquecer a visão que temos do Homem ao observarmos essa fabulosa história vivente que é a Música.

Aqui está uma pista para nos sentirmos mais próximos dela, conhecer-lhe as suas artimanhas, aventuras e travessuras.

Assim como quem olha para o espelho!...

Espelho meu, espelho meu...

Ao lado da Música, o som é percebido como algo de misterioso.

Talvez porque o som não se veja, talvez por exigir de cada um de nós memória e evocação permanentes, ele parece não querer adaptar-se a configurações estáveis.

Escapa-se-nos com facilidade, e daí termos a necessidade de o aproximar dos outros sentidos – em particular o da visão - para o poder aprisionar/ perceber de uma maneira mais eficaz.

O que parece ser verdade é que, nas suas primeiras manifestações, a Música envolvia-se em tarefas de culto e a sua capacidade de se expressar por sons permitia-lhe evocar o indizível através do homem e de se fazer ressoar no mundo circundante.

É o que sentimos quando, presentes num concerto, “pressentimos” o ritual que o envolve.

Partindo de lugares e de situações que convivem com o tempo a Música sempre foi capaz de organizar estruturas que se evidenciam pelo ritmo, pela harmonia, pela melodia, pelos timbres e pela forma.

Tudo se torna ainda mais curioso e enigmático quando somos, enquanto humanos, capazes de interpretar virtualmente e ouvir Música nas nossas mentes sem precisarmos de a compreender, ou de a estudar.

Será magia?

Quando desejamos definir Música temos, quase sempre, a tentação de a descrever ao sublinhar as actividades e as “coisas” relacionadas por si com o som, com o ruído e com o silêncio.

Na impossibilidade de falar só dela, falamos das coisas que lhe são próximas.

O mistério agiganta-se ainda mais quando nos apercebemos que a Música é, ou parece ser, um fenómeno natural e intuitivo, como já foi afirmado, mas que, por outro lado, compor, improvisar e interpretar manifestam-se de

maneira muito peculiar, dir-se-ia transcendente, bastando para isso estarmos atentos às suas criações na passerelle do tempo, como formas e manifestações de Arte.

Justifica-se agora pararmos, sentarmo-nos, carregar no play e deixarmo-nos invadir pelos sons.

Sem nenhum aviso prévio!...

Como se fosse pela primeira vez...

Ouvir pode constituir uma forma de entretenimento, mas aprender e compreender Música corresponde a um exercício disciplinar interior em ordem a encontrar chaves de descodificação para um melhor entendimento das suas propriedades.

Num determinado contexto cultural a definição de Música explicita aquilo, ou aqueloutro, a que um determinado grupo de pessoas aceita designar por... Música.

Parece até que coexistem vários grupos definidores da arte dos sons, desde aqueles que a sentem como “som organizado” que promove um tipo específico de percepções, aos que a aproximam de um ideal platónico à procura de uma verdade superior.

John Cage, possuído pelo espírito do movimento estético Fluxus, advogava a ideia de que tudo pode ser Música.

“*There is no noise, only sound*” é o testemunho das ideias de Cage.

Jean-Jacques Nattiez afirma, por outro lado, que “*a fronteira entre música e ruído é sempre culturalmente definida, o que implica que, em cada sociedade, esta fronteira não assuma sempre o mesmo lugar.*”

Dito doutra forma, talvez não haja um único significado simples, elementar, por assim dizer universal, para definir o que a Música é.

Ficamos mais descansados!

Talvez em vez de Música existam Músicas!

Talvez exista sim, uma visão da Música como *marca*, como *cartão de identidade* para o conjunto dos diferentes aspectos culturais construídos por um grupo específico de pessoas.

Por causa desta simples circunstância não podemos deixar que ela se nos escape e não nos seduza, nos transforme e nos enriqueça.

As suas propriedades colocam-na numa posição tal que causa embaraço a quem não as usa, pelo desperdício que constitui a não-utilização desse capital de informação/formação.

É aqui que a Escola pode jogar um trunfo decisivo ao incluir a Música nas suas tarefas educativas.

Será a Escola um lugar possível para este encontro, para este tête-à-tête?

Da Escola e das suas potencialidades

Todos reconhecemos à Música um enorme poder de sedução.

Todos nós reconhecemos à Música o direito e o dever de nos arrebatara e surpreender.

Todos nós sentimos que na Escola se joga o incómodo desafio de nos projectarmos no futuro.

Todos nós sentimos a Escola como o lugar próprio para observar e dar forma à nossa maneira de vermos o Mundo.

E se a Escola fosse um lugar com vista para a Música?

O que aconteceria?

O que é que daí resultaria?

Um confronto? Ou... um encontro?

Arriscamos uma resposta:

§ O desejo de uma cumplicidade cultural com a Música para que a nossa escolaridade não seja, com nos diz Steiner, uma espécie de *amnésia planificada*.

§ A construção de uma escola, de um lugar que, como disse Steiner a propósito dos mestres, *desperte no ser humano poderes e sonhos além dos seus e que induza nos outros o amor por aquilo que ama e faça do seu interior o seu futuro*.

Assim, e por que reconhecemos à Música o direito de se manifestar pelo interior da Escola, desejamos conhecê-la melhor na sua vertente pedagógica e cultural e pretendemos situá-la ainda melhor nos lugares de memória da nossa cultura.

Aqui a Escola é, seguramente, o lugar ideal a partir do qual poderemos todos afirmar a nossa paixão pelo mundo e pelas suas realizações.

Estamos até em crer que os seus intérpretes naturais são os professores que, com os seus alunos, podem “orquestrar” cultural/ musicalmente uma espécie de sinfonia como se tratasse de um mundo inteiro de fantasias, de devaneios e de conhecimento.

Posto isto, resta-nos cartografar os andamentos dessa sinfonia que resultará tanto mais interessante quanto for capaz de gerar cumplicidades.

Mas antes disso...

...Consideremos a Música como um elemento cultural integrador para o ser humano.
Consideremos o acto de fazer Música como um meio para enriquecer as capacidades humanas e...
...consideremos a Música um património a desfrutar, valorizar e a consumir de olhos e ouvidos bem abertos.

Por isso...

...imaginamos, pois, a Música como um fabuloso teatro de experimentações em que só não sonha e brinca quem não quer, e em que as diabruras e aventuras dos mais pequenos não são só acolhidas, como aceites e recomendadas.

...imaginamos a Música a ser *experimentada com sentido* e a brilhar nas mãos de crianças, jovens e educadores/ professores.

Talvez a “Música mesmo no meio da escola” seja o mote ideal para a metáfora do trovador, do bobo ou goliardo que se desloca de corte em corte deleitando com a sua arte reis, rainhas, príncipes e princesas, fadas, ondinas, duendes e crianças.

Inevitavelmente, torna-se importante falar das potencialidades da Escola e das intenções dos seus mais directos intervenientes.

É exactamente aqui que encontramos a dimensão cultural do professor/ educador a ser burilada, lapidada e afinada.

É por aqui que nos damos conta da importância do arcaboço cultural do professor, desse seu fundo de gaveta, a encontrar mil respostas possíveis para mil perguntas feitas, ou a serem preparadas.

Por isso, propomos a todos os agentes educativos um encontro sério com a Música em que ela seja validada como um *universo de ordem ética e estética* a que todos devem ter acesso.

Propomos a cada professor/ educador que faça música com os seus alunos *ouvindo-a, interpretando-a e inventando-a*.

Propomos a transformação do professor/ educador/ trovador num *facilitador de atitudes expressivas* que a ele próprio exige apurada sensibilidade.

Propomos que cada professor sinta a Música “à primeira vista” como um factor de aperfeiçoamento humano, como marca de uma civilização, como matriz identitária da cultura dos povos.

Propomos que cada professor encontre na cultura musical um acto-de-consciência–de-si ao permitir a estimulação de sensibilidades, do incentivar de atitudes de abertura, de preservar memórias e de contactar com outros “mundos”.

Até porque sabemos que desde que nascemos tomamos contacto com o universo sonoro que nos rodeia através do sentido da audição.

Sabemos que o ouvido, curiosamente, não está só na exploração do meio ambiente e que ao lado dos estímulos e sensações sonoras trabalha a inteligência que nos faz reconhecer, ordenar, classificar e organizar as estruturas musicais.

Por isso é que se aceita que, culturalmente, a Música é uma mais-valia para o ser humano bastando olhar para o seu papel na Grécia Clássica, no *quadrivium* medieval, na educação dos príncipes e burgueses renascentistas e na sociedade actual.

Sabemos existir uma relação profunda entre sociedade, cultura musical e educação e sabemos que qualquer mudança entre estes elementos mexe nos demais e até pode provocar alterações significativas no “peso” de cada uma.

De que é que estamos à espera?

O que fazer?

O que é que é preciso fazer?

Fixemos a Música como um elemento cultural integrador para o ser humano.

Consideremos o acto de fazer Música como um meio para enriquecer as capacidades humanas. Reafirme-se esta intenção!

E, finalmente, consideremos a Música como o património imaterial da Humanidade pronto para ser apreciado.

Assim voltamos a propor a cada professor que recupere a beleza dos sons, ruídos e silêncios que a Música possui e os manipule com os alunos num mano-a-mano lúdico e expressivo.

Se calhar propomo-nos, ao fim e ao cabo, reflectir sobre a dimensão cultural de um formador, ao *reinventar o estranho ofício do professor/músico/educador dos sete instrumentos*.

Difícil?

O que é que nos pode valer? O que é que temos à mão e que recursos temos para nos apoiar nesta tarefa?

Vejamos...

Fixemo-nos, por momentos, na sinfonia atrás proposta.

É uma sinfonia em que o primeiro andamento é composto pelo corpo, pela voz, pelas ideias, pelos instrumentos, pelas histórias, pelos sons e pelos registos.

É como quando desejamos fazer um almanaque de vivências e partimos em busca das câmaras fotográficas, ou videográficas, que nos assegurarão memórias.

Este primeiro andamento poderá até ter por título “ Memória colectiva”.

De bússola musical na mão e, dependendo da especificidade dos lugares, do tempo e dos formandos que temos pela frente, antevemos um segundo andamento proposto como um desenvolvimento grupal e temático das memórias atrás conquistadas.

Poder-lhe-emos dar o título de “ A nossa vez e a nossa voz”.

Aqui vale o direito de todos nos podermos expressar musicalmente.

O terceiro e último andamento – “ Da minha cultura eu vejo o Mundo” - formula o desejo de nos vermos a todos como produtores privilegiados apoiando-nos numa visão dialéctica interactiva do mundo da educação e de nos interessar ver professores e alunos, quando “tocados” pela Música, tornarem-se *ouvintes de qualidade, verdadeiros intérpretes, conhecedores e criadores.*

Se calhar ainda seria mais simples poder afirmar que a sinfonia ideal a ser composta se aproxima de três simples pontos que se ligam entre si num vai-e-vem constante e que se transforma em permanente construção.

A saber:



A visão deste triplo eixo corresponde a um cenário ideal de trabalho em que deveremos assumir a transformação, ou a confirmação, da **Escola como lugar de cultura**.

Resta-nos acreditar que, com a visão atrás referida, talvez possamos responder à agitação, à inquietude de uma criança que manipula de uma forma desajeitada, mas verdadeira, um instrumento que, agora mesmo, desenhou no ar uma garatuja sonora que nos vai ficar na memória.

A ver vamos se, em nome da Música, ficamos mais solidários com essa atitude criativa e apaixonada dos mais pequenos.

À alerta e verdadeiramente empenhados na construção de uma genuína dimensão cultural do professor, aqui apoiada pela presença da Música, a ver vamos se, em nome da Educação e da Cultura, podemos ficar mais próximos de um melhor país, de um melhor Portugal.

Mário Azevedo

Professor na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto
Co-fundador da Orquestra Orff do Porto e do Instituto Orff do Porto

Porto, 2008-1-21.